

Razões por que Alguns não vêm a Cristo

Al Martin

Jerusalém estava zumbindo com atividades durante um dos mais importantes dias de festa judaica. E, no poço de Betesda, o jovem e controverso rabi, da Galiléia, deixara todos admirados por curar um homem que estivera paralisado durante trinta e oito anos! Mas, em vez de alegrarem-se, os líderes judaicos primeiramente confrontaram o homem curado, por estar levando a sua cama em dia de sábado — isso era uma obra, eles diziam, e Deus proibia toda obra no sábado. Em seguida, eles condenaram a Jesus por sua obra de “cura” no dia de sábado! João 5 narra a resposta simples de Jesus: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”. Os judeus entenderam esta resposta como uma afirmação de Jesus “fazendo-se igual a Deus” (v. 18).

As declarações claras de Jesus afirmando sua igualdade com Deus despertaram a vontade de matar no

coração dos líderes dos judeus, mas Jesus expressou graciosamente seu desejo em relação a eles, quando declarou: “Digo-vos, entretanto, estas coisas para que sejais salvos” (v. 34). E, como eles não poderiam ser salvos, se não cressem em Jesus como o Deus encarnado e seu Messias prometido, Ele lhes mostrou que suas afirmações de divindade eram validadas por três tipos de evidências, com as quais eles estavam familiarizados: o testemunho de João Batista, as obras miraculosas que Jesus fazia e as próprias Escrituras. No entanto, apesar de toda esta evidência, a incredulidade persistente deles exigiu estas palavras registradas no versículo 40: “Não quereis vir a mim para terdes vida”.

Com certeza, estas são algumas das palavras mais trágicas já proferidas! Nelas, Jesus afirmou claramente que a vida estava nEle e que podia ser obtida apenas por vir a Ele. Jesus

não estava falando sobre a vida física ou o vir fisicamente a Ele, pois seus ouvintes já estavam perto dEle. Jesus estava falando sobre o vir espiritual e a vida eterna recebida por unir-se a Ele pela fé. Contudo, os seus ouvintes recusaram-se a fazer a única coisa necessária para que tivessem a vida eterna, pois recusaram-se a crer nEle. E as palavras de Jesus nos mostram que Ele os tomou como responsáveis por sua indisposição de vir a Ele.

O que impediu essas pessoas exteriormente religiosas de virem a Cristo? Meu amigo não-salvo, o que o impede de vir a Cristo hoje? Enquanto descrevo quatro razões por que alguns não vêm a Cristo, espero mostrar-lhe que cada tipo de razão é indesculpável. Espero persuadi-lo a abandonar essas razões e convencê-lo a vir a Jesus Cristo.

1. IGNORÂNCIA DE SUA PROFUNDA NECESSIDADE

Algumas pessoas não vêm a Cristo porque ignoram sua necessidade como pecadores. Os fariseus dos dias de Jesus eram um exemplo clássico desta ignorância. Em Lucas 18, Jesus contou, com ousadia, uma parábola que visava a estes hipócritas, que “confiavam em si mesmos, por se considerarem justos” (v. 9). Quando os escribas e os fariseus murmuraram contra Jesus, porque Ele comia com os publicanos e pecadores, Jesus observou: “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento” (Lc 5.31-32).

O que era verdade a respeito dos fariseus há dois mil anos também é

verdade a respeito de muitos em nossos dias: eles nem sabem que estão doentes. Ignoram o fato de que têm uma doença moral e espiritual. Não se preocupam em ir ao Grande Médico de sua alma, porque não acham que haja algo errado.

Mas essa indiferença em relação à verdadeira condição de sua alma é indesculpável, por causa do testemunho claro das Escrituras e da sua consciência.

Se você abrir qualquer livro da Bíblia, lerá sobre a condição pecaminosa e corrompida do homem. Desde o relato de Adão e Eva, quando estes desobedeceram a Deus, e em todo o seu relato sobre o homem, a Palavra de Deus nos mostra que somos uma raça culpada e contaminada. Mas, se você acha que é uma exceção, considere várias afirmações do apóstolo Paulo que resumem este assunto e nas quais ele falou a respeito do Senhor Jesus Cristo, sob a orientação infalível do Espírito Santo: “Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” (1 Co 15.22); ou: “Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5.12).

Por causa desta herança, somos, de fato, pecadores. Paulo nos descreve como “filhos da ira” (Ef 2.3). Davi, o homem segundo o coração de Deus, testemunhou a respeito de si mesmo: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.5). Cada um de nós herdou uma natureza de pecado, e pecar ocorre naturalmente para todos nós. Somos culpados de

transgredir as leis de Deus escritas em nosso coração e na Palavra de Deus. “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho”, declarou o profeta (Is 53.6). Paulo afirmou com autoridade final e abrangente: “Não há justo, nem um sequer” (Rm 3.10).

Além do testemunho externo das Escrituras, há o testemunho interno da própria consciência. A consciência é ativa em cada pessoa, acusando as más ações ou recomendando aquelas que são boas (Rm 2.15). Você sabe que a consciência remove o prazer do pecado e acha maneiras de abafá-la. Se a consciência pudesse falar em voz alta, ela lhe declararia, de modo audível, quão vil é o seu coração. Revelaria todos os motivos e desejos perversos que existem em seu espírito. Se você ouvisse a sua consciência, não seria ignorante de sua profunda necessidade de Cristo. Você sabe que está sob a condenação de Deus, por causa de seu pecado, e sujeito à total punição desse pecado. Também sabe que é incapaz de ajudar a si mesmo. Oh! Quantos ignoram o testemunho da Bíblia e lutam contra o testemunho de sua consciência! Não se congratule com o fato de que pode ouvir a oferta da misericórdia de Cristo e permanecer insensível. Em vez disso, ore para que tenha uma percepção de sua profunda necessidade e da extensão de sua culpa e sua corrupção. Em vez de ser como o fariseu descrito em Lucas 18, que permanecia ousada e arrogantemente na presença de Deus, proclamando a sua própria bondade, que você se prostre em humildade, como o publicano, e clame: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”

2. IMPENITÊNCIA DIANTE DAS EXIGÊNCIAS PENETRANTES DE CRISTO

Talvez você esteja disposto a admitir sua necessidade e escapar da acusação de uma consciência que o condena; mas há outra razão por que você não vem a Cristo. Talvez você permaneça sem arrepender-se diante das exigências penetrantes que Ele faz.

A chamada de Cristo para que você venha a Ele também é um mandamento para que você abandone seus pecados. “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus”, disse o anjo a José, “porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21). Ele não os salvará *nos* seus pecados, mas *dos* seus pecados. “Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento” (Lc 5.32), disse Jesus. Os termos pelos quais devemos nos unir a Cristo são os termos de separação completa dos pecados. Você não pode separar o arrependimento da fé e do perdão. Paulo disse que a mensagem autêntica do evangelho é “o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus [Cristo]” (At 20.21). Deus exaltou Jesus a Príncipe e Salvador, disse Pedro aos judeus, “a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados” (At 5.31).

Seu problema talvez não seja insensibilidade — de fato, talvez você esteja miseravelmente consciente de sua profunda necessidade de perdão e paz. Mas não está pronto para deixar seus pecados e vir a Cristo, de acordo com os termos dEle. Esse era o problema do jovem rico, mencionado em

Mateus 19. Ele desejava com sinceridade ter a vida eterna e foi a Cristo em busca desta vida.

Mas Jesus, em seu conhecimento onisciente do coração humano, se focalizou em um único problema: o amor do homem ao dinheiro. Jesus

tinha de ser o único Senhor daquele jovem: “Vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me” (Mt 19.21). Mas, o jovem rico mostrou-se indisposto a sujeitar-se às exigências penetrantes de Cristo, e o relato bíblico diz: “Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste”.

Não devemos pensar que isto é sempre uma chamada para abandonarmos as riquezas, pois Jesus chamou pelo menos alguns homens ricos, como Mateus e Zaqueu, e nunca lhes impôs essa exigência específica. Mas, quando Jesus lidava com qualquer pecador, como a mulher samaritana (mencionada em João 4), Ele descobria o pecado favorito daquela pessoa e expressava com ousadia sua reivindicação. Jesus diz aos pecadores que a vida eterna está em suprema ligação com Ele mesmo. “Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24). “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34). Você percebe que não se arrepender ante às penetrantes exigências de Cristo é indesculpável. O perfeito e santo Senhor da glória chama-o a deixar os seus pecados, a fim de lhe dar a vida eterna; e você se recusa a deixá-los.

— ■ —
A chamada de Cristo para que você venha a Ele também é um mandamento para que você abandone seus pecados.
 — ■ —

Mas os pecados aos quais você está apegado, o que eles farão por você no final? “O salário do pecado é a morte” (Rm 6.

23), disse o apóstolo Paulo. A salvação por meio de Jesus Cristo tem o propósito de livrá-lo da penalidade, poder, prática e, um dia, louvado seja Deus, até da presença do pecado. Por que você se apega aos seus pecados, que somente o arrastarão ao inferno?

Jesus sabe que esta separação envolve um custo. Ele falou sobre o pecado como algo tão querido como o olho ou a mão direita. Jesus sabe que o verdadeiro arrependimento, a confissão e o abandono do pecado podem causar embaraço, mal-entendido, perdas financeiras e a tristeza de romper relacionamentos íntimos. Quando Jesus disse àqueles judeus: “Não quereis vir a mim para terdes vida”, sabia que eles amavam receber honra uns dos outros (Jo 5.44). Seguir um mestre desprezado como aquele era mais do que o arrogante coração deles podia suportar. Jesus sabia do conflito deles, mas nunca diminuiu suas exigências que humilhavam a carne.

Você percebe que essa impenitência é não somente indesculpável, mas também irracional? Considere todas as evidências contra uma vida entregue ao pecado. Observe em detalhes a vida infeliz e corrompida daqueles que resistiram à pregação em sua juventude — pessoas que são o próprio cumprimento das palavras proféticas

de Deus, por meio do profeta Isaías: “Os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz” (Is 57.20, 21). “O caminho dos perversos é intransitável” (Pv 13.15). Considere o leito de morte cheio de terror daqueles que morrem em seus pecados. Pense no futuro Dia do Juízo, quando os grandes da terra clamarão às montanhas e rochas que caíam sobre eles, para ocultá-los da “ira do Cordeiro” (Ap 6.16). Pense no próprio inferno, onde os pecadores impenitentes são lançados “na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 13.42). “A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos” (Ap 14.11).

Finalmente, olhe para a cruz. Contemple o Senhor da glória, o único Homem que viveu sem pecado e que, na cruz, foi feito pecado em lugar de seu povo. Considere o preço que Jesus pagou pelos pecados que você ama. Pense nos sofrimentos dEle, quando estava nas mãos de homens ímpios. Observe a grande e indescritível agonia de Jesus, quando esteve sob a ira de seu Pai, em benefício de homens pecadores. Pare e reflita, até que você possa dizer como o fez John Newton: “Vi o Salvador sangrando e agora odeio o meu pecado”.

Se essas considerações são insuficientes para afastá-lo dos pecados que agora lhe parecem tão queridos, será correto que Deus lhe diga naquele grande último dia: “Apartai-vos de mim, malditos” (Mt 25.41). “Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo” (Os 4.17). Não afunde no inferno por agarrar-se aos seus pecados. Venha a

Cristo de acordo com os termos dEle, para que você tenha vida.

3. INCREDULIDADE EM RELAÇÃO À PROMESSA DE CRISTO

Talvez você não seja culpado de um estimado e idólatra apego ao pecado. Talvez você tenha deixado muitos pecados, para o seu próprio bem e por causa de respeitabilidade perante os outros. Contudo, há uma forma sutil de pecado que você nunca levou em conta. Talvez você não o considere muito importante, nem, com certeza, muito injurioso. Talvez você seja uma pessoa que não crê nas promessas de Cristo. Mas você pergunta: “Incredulidade? Que tipo de pecado é esse? Por que Deus me julgaria responsável por não crer em algo?” Meu amigo, considere por alguns momentos como a incredulidade pode ser um dos maiores obstáculos para que alguém venha a Cristo e, por causa disso, o impeça de entrar no céu.

Pode haver alguma dúvida sobre o fato de que as promessas de Cristo são claras, seguras e abrangentes? Leia estes exemplos das promessas dEle. Verifique-as na Bíblia, para confirmar, por si mesmo, quão absolutamente isentas de condições e qualificações elas são.

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). Ele “é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam” (Rm 10.12).

“Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10.13). “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas pas-

sou da morte para a vida” (Jo 5.24). “O que vem a mim, de modo nenhum [sob nenhuma condição, em nenhuma circunstância] o lançarei fora” (Jo 6.37). Deus compara sua obra de salvação a uma festa de casamento e diz: “Tudo está pronto; vinde para as bodas” (Mt 22.4). Deus fez todos os preparativos — tudo que precisava ser feito. Não precisamos trazer nada; precisamos apenas vir.

À luz dessas maravilhosas e irretidas promessas de perdão e aceitação, você percebe quão indesculpável é o pecado de incredulidade? As bodas do evangelho têm sido anunciadas, e Deus envia seus servos a dizerem: “Vinde, porque tudo já está preparado” (Lc 14.17). Mas você permanece fora da sala do banquete, perdido e condenado em sua recusa ímpia de aceitar a misericórdia prometida da parte de Deus. Talvez você não ignore sua necessidade profunda ou a impenitência em relação a seus pecados, mas está indisposto a crer no testemunho de Deus a respeito da suficiência de seu Filho como Redentor para os pecadores — o Deus que falou de modo audível do céu: “Este é o meu Filho amado; a ele ouvi” (Mc 9.7).

Haverá muitos tipos surpreendentes de pecadores no céu. Haverá pecadores notáveis como o ladrão cujos crimes exigiram a crucificação. Haverá assassinos e blasfemos no céu, como Saulo de Tarso, e pessoas cujas mãos mataram o Filho de Deus (At 2.23). Todavia, é evidente que um tipo de pecador estará ausente do céu; ali não haverá incrédulos. No céu, não haverá pessoas que, nesta vida, não se uniram pela fé ao Senhor Jesus Cristo.

O livro de Apocalipse pinta muitos quadros do juízo final executado por Deus sobre toda a humanidade. Várias destas imagens são complexas e misteriosas, mas considere uma destas imagens bem claras sobre aqueles que não entrarão no céu. Apocalipse 21.8 nos diz: “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte”. Aqueles que tinham uma vida respeitável e até correta, porém caracterizada pelo pecado crônico de incredulidade terão seu lugar eterno com aqueles cujas vidas estavam caracterizadas por assassinato, mentira e outras formas grosseiras de pecado.

Somos tentados a ver a incredulidade como um defeito ou um tipo de “deficiência vitamínica” que nos deixa espiritualmente anêmicos, mas não muito doentes. Deus vê a incredulidade em sua verdadeira luz. Quando Jesus descreveu o propósito da vinda do Espírito Santo, para convencer o mundo do pecado, este foi o principal pecado que Ele enfatizou: “Porque não crêem em mim” (Jo 16.9). Se até hoje você tem sido incrédulo, você quer, agora, se converter deste pecado e unir-se a Cristo, pela fé? Você deseja crer nas abundantes promessas d’Ele, promessas de salvação, perdão e descanso?

4. ESPERAR REVELAÇÃO ADICIONAL DA PARTE DE CRISTO

Talvez você ainda não tenha identificado seu motivo para não vir

a Cristo. Você sente a sua necessidade por Ele e está pronto a deixar os seus pecados. Está procurando colocar sua fé em Jesus no tempo certo, mas quer alguma palavra adicional da parte dEle.

A sua exposição à Bíblia, quer na leitura pessoal, quer na educação familiar, quer na freqüência à igreja, lhe ensinou uma verdade importante. Você sabe que, se não é um dos eleitos de Deus, não pode vir a Cristo.

Deus tem de despertar um pecador para a sua necessidade, tem de atraí-lo a Ele mesmo e dar-lhe o dom da fé. Por isso, você argumenta: “Enquanto eu não souber que sou um dos eleitos de Deus, ir a Cristo será presunçoso para mim!”

De posse desta convicção firme, você determinou que não pode agir, enquanto não receber revelação adicional da parte de Cristo. É claro que você não está exigindo uma visão ou uma voz à noite, mas está esperando ou por alguma passagem bíblica especial que se fixará em sua mente, ou por algum senso avassalador da convincente presença de Deus, ou por alguma evidência dos sinais da regeneração em sua vida. Assim, você não quer ir a Cristo, porque espera por uma mensagem de Deus.

Por que não é seguro esperar essa revelação adicional? A passagem de João 5 nos dá uma resposta constrangedora. Jesus afirmou aos judeus que as Escrituras do Antigo Testamento devem ser a prova convincente e final das reivindicações dEle. Jesus disse:

“Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (v. 39); e, em seguida: “Se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito” (v. 46). Em outras palavras, Jesus estava dizendo: “O que as Escrituras dizem a respeito de mim, desde os primeiros escritos de Moisés até às palavras finais dos profetas, tudo é uma garantia de que você precisa vir a mim. Não deve esperar por algo mais; estas palavras são suficientes”.

O diálogo de Abraão com o rico, no inferno, reforça o ensino sobre a suficiência e a finalidade do testemunho das Escrituras. Ao apelo do rico no sentido de que alguém advertisse seus irmãos a respeito dos tormentos do inferno, Abraão respondeu: “Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos” (Lc 16.29). Mas o rico tinha um método melhor: “Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão” (v. 30). Ouvimos a voz de Cristo falando por meio da resposta final de Abraão: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (v. 31).

Você está esperando por uma revelação espetacular da parte de Deus, antes de vir a Cristo? Está ignorando a mensagem de Moisés e dos profetas que você tem em sua Bíblia? Você percebe que essa espera é indesculpável? Não pense que sua atitude equivale à

— ■ —
*Considere o preço que
 Jesus pagou pelos
 pecados que você ama.*
 — ■ —

submissão humilde diante de Deus. Sua relutância é realmente uma exigência arrogante e vangloriosa para com Deus, dizendo-Lhe como deveria agir. De fato, você está dizendo, juntamente com aquele rico: “Deus, eu tenho um plano de salvação melhor do que os seus métodos comuns. Tenho uma maneira especial para que você me chame e estou esperando por esta revelação especial”. A verdade é: o plano de salvação de Deus tem sido apresentado com clareza e simplicidade a você, por meio do testemunho das Escrituras. As bodas do evangelho têm sido anunciada, e Deus o convida a ter a vida eterna. Tudo o que você precisa fazer é vir.

Jesus Cristo está chamando-o? Você se vê não como um pecador especial, mas como um pecador necessitado e perdido, que merece o inferno? Então, venha a Ele com arrependimento e fé. Olhe para Cristo como o amigo perfeitamente adequado para os pecadores. Veja como a vida de perfeita justiça dEle satisfaz as exigências da lei de Deus. Considere como a morte vicária de Cristo satisfaz plenamente a justiça divina

quanto aos seus pecados. Não complique aquilo que Deus tornou maravilhosamente simples; apenas venha. Venha a Cristo por causa da graciosa orientação dada por Deus: “Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo” (1 Jo 3.23). Venha a Cristo por causa da graciosa promessa de Deus: “Todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Que neste dia você abandone quaisquer razões que o impeçam. Venha a Cristo, para que tenha vida!

*Tal qual estou, eu venho a Ti,
Aceita-me, ó Salvador!
Confiante sou em teu amor;
Ó Salvador, me achego a Ti!*

*Tal qual estou, eu venho a Ti,
Perdão me podes conceder,
E minhas faltas esquecer;
Ó Salvador, me achego a Ti!*

*Tal qual estou, eu venho a Ti,
E Tu minha alma limparás,
Com teu amor me envolverás;
Ó Salvador, me achego a Ti. ■*

A Memorização das Escrituras

Tom Ascol

A memorização das Escrituras parece uma tarefa desanimadora para muitos de nós. Por quê? Para alguns de nós, a memória já não é tão boa como costumava ser ou, pelo menos, como lembramos que era! “Tenho uma memória ruim” é uma expressão muito usada para nos justificarmos, quando nem mesmo tentamos memorizar a Palavra de Deus.

Outros simplesmente nunca tentaram decorar as Escrituras. Como qualquer outra tarefa que nunca foi executada, temor e incerteza podem inibir uma primeira tentativa. Outros que já superaram esse temor, ainda assim, caminham com dificuldade, sem saber por onde começar e como fazer para decorar versículos bíblicos.

Quando comecei a pregar em 1 Pedro, aos domingos pela manhã, pedi à congregação que memo-

rizasse aquela epístola. Mesmo aqueles que têm memorizado as Escrituras durante muitos anos, nunca decoraram um livro inteiro de uma só vez. Meditar em 1 Pedro, nos domingos pela manhã, pareceu-nos uma grande oportunidade de tentarmos memorizar todo o livro. Um membro comentou: “Fico feliz que o pastor Tom não nos pediu isso quando começou a pregar em Jeremias!” Este seria um bom livro para colocarmos no topo de nossa lista de livros da Bíblia para decorar! Mas 1 Pedro tem apenas 105 versículos. Se aprendermos aproximadamente três versículos por semana, teremos memorizado o livro todo em pouco mais de oito meses.

Por que devemos tentar fazer isso? Bem, a Bíblia nos oferece muitas boas razões. Deixe-me apresentar-lhe rapidamente três delas:

1. MEMORIZAR A PALAVRA DE DEUS NOS AJUDA A VIVER COM MAIS FIDELIDADE A VIDA CRISTÃ

No Salmo 119, verso 11, Davi ora: “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti”. Ao “guardar” a Palavra de Deus em seu coração, você estará bem equipado para lutar em sua batalha diária contra o pecado. O sábio Salomão nos fala assim: “Inclina o ouvido, e ouve as palavras dos sábios, e aplica o coração ao meu conhecimento. Porque é coisa agradável os guardares no teu coração e os aplicares todos aos teus lábios. Para que a tua confiança esteja no SENHOR, quero dar-te hoje a instrução, a ti mesmo” (Pv 22.17-19). Guardar as palavras do Senhor nos ajudará a colocar nossa confiança nEle. Em outras palavras, esta disciplina nos auxiliará na luta pela fé.

Isto é claramente demonstrado pelo próprio Senhor Jesus, durante as tentações no deserto, descritas em Mateus 4.1-11. Ele foi capaz de resistir aos assaltos do diabo recitando a Escritura de cor.

2. MEMORIZAR A ESCRITURA NOS AJUDA A TESTEMUNHAR

Quando Pedro teve a oportunidade inesperada de pregar durante o Pentecostes, ele o fez citando versículos do Antigo Testamento (At 2). Ele não possuía um pergaminho para ler; ele precisou comunicar-se a partir daquilo que havia memorizado. Não é de admirar que Pedro tenha escrito: “Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em

vós” (1 Pe 3.15). A Palavra de Deus é a espada do Espírito (Ef 6.17). Para empunharmos esta espada de maneira efetiva, precisamos tê-la prontamente disponível em nossa mente. A memorização das Escrituras torna isso possível.

3. MEMORIZAR A ESCRITURA AUXILIA NA MEDITAÇÃO

O Senhor nos recomenda a meditação como uma valiosa disciplina espiritual. Esta será auxiliada e encorajada, se a memorização da Escritura tornar-se habitual em nossa vida. O salmista diz: “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia!” (Sl 119.97). Além disso, o livro de Salmos começa com estas palavras: “Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido” (Sl 1.1-3).

O Senhor fez uma referência semelhante para Josué, antes que ele conduzisse o povo à Terra Prometida: “Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido” (Js 1.8).

A probabilidade de meditarmos na Palavra de Deus será muito maior, se tivermos porções dela na memória

e prontamente disponíveis em nossa mente e coração.

Andy Davis é um amigo que pastoreia a Primeira Igreja Batista de Durhan, NC. Andy empenhou sua vida no esforço e encorajamento de outros, a fim de engajarem-se na tarefa de memorização de passagens extensas da Escritura. Ele contribuiu com um capítulo sobre exatamente este assunto no livro que editei, *Dear Timothy* (Amado Timóteo, Editora Fiel). A seguir, estão seus argumentos em favor da memorização de capítulos e livros inteiros da Bíblia:

1. Isto honra o testemunho que as Escrituras dão sobre si mesmas: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Tm 3.16); e, “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4). Deus não desperdiça o seu sopro, pois não há palavras supérfluas nas Escrituras. E você descobrirá que alguns de seus momentos mais poderosos de convicção, discernimento e encorajamento virão de textos inesperados da Bíblia.

2. Uma vez que boa parte da Bíblia é escrita como um fluxo de pensamento, com o autor expondo alguns pontos gerais, de argumentação lógica, memorizar a passagem inteira possibilita um entendimento maior da idéia central. Você não irá perder a floresta pelas árvores. E nem as árvores pela floresta. Todo o livro de Hebreus soará como uma única sinfonia da verdade, e cada verso individualmente na seqüência de idéias tocará

suas próprias notas com uma nova clareza. Este benefício da “floresta e das árvores” [ou seja, abrangendo o todo e suas partes] também irá ajudá-lo a construir uma teologia bíblica completa, sem defeitos, e sistemática, ao mesmo tempo que lhe dará entendimento, capacidade para pregar e ensinar versículos, individualmente, da forma adequada.

3. Você estará menos propenso a usar versículos fora de seu contexto, como resultado da memorização de todo o livro. Um dos argumentos mais comuns usados pelas pessoas que se opõem a você em uma discussão doutrinária é: “Você está tirando isto do contexto!” Um trabalho cuidadoso no livro todo irá ajudá-lo a evitar este tipo de erro.

4. Sua alegria continuará aumentando, assim como sua reverência à miraculosa infinidade da verdade nas Escrituras, conforme você descobre novas verdades dia após dia, mês após mês. A disciplina de memorizar livros inteiros irá levá-lo a territórios nunca antes desbravados, e, uma vez que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil...” (2 Tm 3.16), você receberá benefícios desta jornada de descobrimento.

ENCORAJAMENTO PARA MEMORIZAR A PALAVRA DE DEUS

1. Lembre-se que o Senhor tem poder sobre sua mente. “Então, [Cristo] lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24.45). Jesus operou de modo eficaz na mente de seus discípulos para que entendessem. Ele pode, do mesmo modo, operar em você, a fim

de capacitá-lo a memorizar. Dedique o seu melhor. Faça um esforço sincero e ore para que Ele abençoe os seus esforços.

2. Pense nos benefícios que advém da memorização da Palavra de Deus! Quem dentre nós não desejaria ter a vida moldada mais e mais pelas Escrituras? Todo crente gostaria de ter as palavras da Bíblia em sua mente, prontas para serem incorporadas em suas conversas. Estes são dois dos benefícios da memorização das Escrituras. É claro que há muitos outros, como indicam os versos que citei anteriormente. Nós não memorizamos a Escritura com muita freqüência, simplesmente porque ela não é muito importante para nós. Não gostamos de admitir, mas isso tende a ser verdade. Como ficaríamos motivados, se alguém nos oferecesse cem mil reais a cada capítulo que conseguíssemos memorizar! Você faria isso? Ao menos tentaria? Os benefícios de memorizar a palavra de Deus, como sabemos, são mais altos que qualquer quantia em dinheiro.

. Elabore um plano. Onde quer que você comece, para continuar memorizando versículos, é de importância vital que estabeleça um tempo a cada dia, a fim de trabalhar em versículos específicos. Ainda que sejam cinco ou dez minutos por dia, já será um bom começo. Se você puder fazer isso duas vezes por dia, seu progresso

será ainda maior.

Faça o possível para ser constante e trabalhar na memorização das Escrituras todos os dias. Acho bastante útil anotar os versículos em pedaços de papel ou cartão. Desse modo, posso levá-los comigo e trabalhar neles durante o dia. Reveja o que aprendeu. À medida que você decorar mais versículos, precisará adicionar algum tempo para revisar os versículos mais antigos, enquanto trabalha nos mais recentes. Muitas vezes, é no processo de revisão que emergem alguns dos mais frutíferos pensamentos para meditação.

Por fim, peça a outros que o auxiliem — orando por você e ajudando-lhe a memorizar. Uma das bênçãos de trabalharmos juntos em um livro como 1 Pedro é que podemos dar assistência um ao outro durante a nossa vida diária. Quando estiver falando ao telefone, em público, antes de uma aula ou após o almoço, peça a um amigo ou a alguém da família que confira os versículos nos quais você está trabalhando. Ofereça-se para fazer o mesmo por eles.

Ore para que o Senhor faça sua Palavra permanecer no coração e na vida de seu povo e que nós nos conformemos mais à imagem de Jesus Cristo. ■

(Tom Ascol é pastor da Igreja Batista de Cape Coral, na Flórida.)

A meditação é a melhor ajuda para a memória.

Matthew Henry

Pensamentos sobre Leitura

Albert Mohler

Eu realmente não me recordo de um tempo em que eu não apreciasse ler livros. Sei que eu era ávido para aprender a ler e rapidamente me vi imerso no mundo dos livros e da literatura. Isso pode ter sido um tipo de sedução, e o discípulo cristão deve estar sempre alerta para conduzir seus olhos para livros que merecem a atenção de um discípulo de Cristo – e existem muitos desses livros.

Como Salomão nos exortou: “Não há limite para fazer livros” (Ec 12.12). É impossível ler tudo o que existe, e nem tudo o que existe merece ser lido. Digo isso com o objetivo de me opor ao conceito de que qualquer pessoa, em qualquer lugar, pode dominar o conteúdo de tudo quanto lê. Eu leio muito, e boa parte do tempo em que estou acordado é dedicado à leitura. A leitura devocional para o benefício espiritual é uma parte importante do dia, e ela começa

com a leitura das Escrituras. Em se tratando de administração do tempo, não sou muito ortodoxo. Para mim, a melhor hora para gastar tempo na Palavra é tarde da noite, quando tudo está quieto e tranquilo, e estou com a mente alerta e bem acordado. Isso não acontece quando levanto pela manhã e tenho que me esforçar para encontrar cada palavra na página ou fazer qualquer outra coisa.

Eu leio muitos livros no decorrer de uma semana. Sou consciente do quanto posso prosperar em erudição e do estímulo intelectual que recebo através da leitura. Como minha esposa e família diria, posso ler quase em todo o tempo, em qualquer lugar, em quaisquer circunstâncias. Sempre carrego um livro comigo, e sou conhecido por separar alguns momentos para ler enquanto o semáforo está fechado. Não, eu não leio enquanto estou dirigindo – apesar de admitir que, às

vezes, isto é uma tentação. Eu levava livros para os eventos esportivos do ensino médio, quando eu tocava na banda. (E havia uma porção de vaias e gozações!) Lembro-me dos livros... e você, lembra dos jogos?

ALGUMAS SUGESTÕES INICIAS:

1. Mantenha projetos regulares de leitura. Organizo minhas estratégias de leitura em seis categorias: teologia, estudos bíblicos, vida na igreja, história, estudos sobre culturas e literatura. Sempre tenho alguns projetos em andamento, em cada uma dessas categorias. Seleciono livros para cada projeto, e os leio de capa a capa em um determinado período de tempo. Isso me ajuda a ter disciplina em minhas leituras e me mantém trabalhando em diversas áreas.

2. Trabalhe com porções maiores das Escrituras. Estou terminando uma série de exposições no livro de Romanos, pregando versículo após versículo. Tenho pregado e ensinado diversos livros da Bíblia nos últimos anos e planejo minhas leituras de modo a continuar progredindo. Estou passando para o livro de Mateus, coletando informações e seguindo em frente – ainda não planejei mensagens específicas, mas estou lendo para absorver o máximo possível de obras valiosas a respeito do primeiro evangelho. Leio constantemente obras de teologia bíblica e estudos exegéticos.

3. Leia todos as obras de alguns autores. Escolha com cuidado, mas identifique alguns autores cujos livros mereçam sua atenção. Leia tudo o que eles escreveram, observe como suas mentes trabalham e como desenvol-

vem seus pensamentos. Nenhum autor pode completar seus pensamentos em um único livro, não importando o quão extenso seja.

4. Adquira uma coleção grande e leia todos os volumes. Sim, invista nas obras de Martinho Lutero, Jonathan Edwards e outros. Estabeleça um projeto para si mesmo e leia toda a coleção. Gaste tempo nisso. Você ficará surpreso em ver que chegará mais longe do que espera, em menos tempo do que imagina.

5. Permita-se ler algo por entretenimento e aprenda a apreciar a leitura através de livros agradáveis. Gosto de muitas áreas da literatura, mas realmente amo ler biografias e obras históricas, em geral. Além disso, aprecio muito a ficção de qualidade e obras literárias conceituadas. Quando garoto, provavelmente descobri meu amor pela leitura através desse tipo de livro. Sempre que possível, separo algum tempo, a cada dia, para fazer esse tipo de leitura. Viva com um pouco de emoção.

6. Faça anotações em seus livros, sublinhe-os; mostre que são seus livros. Os livros são feitos para serem lidos e usados, e não colecionados e mimados. Abra uma exceção para aqueles livros raros dos antiquários, aqueles que são considerados tesouros por causa de sua antiguidade. Não deixe marcas de caneta em uma página antiga, nem use um marca-texto em um manuscrito. Invente o seu próprio sistema ou copie-o de alguém, mas aprenda a dialogar com o livro, com uma caneta na mão.

Gostaria de escrever mais sobre este assunto, mas preciso continuar minhas leituras. Retornarei a ele mais tarde. Por agora: *Tolle, lege!* ■

Encorajamento para Desenvolver a Santidade

Joel R. Beeke

Preletor na 24ª Conferência Fiel para Pastores e Líderes - 2008

O desenvolvimento da santidade é uma necessidade. Thomas Watson chamou isso de “trabalho árduo”. Felizmente, Deus nos providencia muitas motivações para a santidade em sua Palavra. Para encorajar-nos na busca pela santidade, precisamos focalizar as seguintes verdades bíblicas.

DEUS NOS CHAMOU À SANTIDADE

“Porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação” (1 Ts 4.7). Todas as coisas às quais o Senhor nos chama são necessárias. Sua própria chamada, assim como todos os benefícios de um viver santo que experimentamos, devem nos induzir a buscar e praticar a santidade.

A santidade aumenta o nosso bem-estar espiritual. Deus nos assegura que “nenhum bem sonega aos que andam retamente” (Sl 84.11). “O

que a saúde é para o coração”, observou John Flavel, “a santidade é para a alma”.¹ Na obra escrita por Richard Baxter sobre a santidade, os próprios títulos dos capítulos são esclarecedores: “Santidade é o único caminho de segurança”; “Santidade é o caminho mais benéfico”; “Santidade é o único meio honroso”; “Santidade é o caminho mais agradável”.²

Contudo, ainda mais importante, a santidade glorifica ao Deus que você ama (Is 43.21). Como afirmou Thomas Brooks: “A santidade faz o máximo para honrar a Deus”.³

A SANTIDADE FOMENTA A SEMELHANÇA A CRISTO

Thomas Watson escreveu: “Devemos nos empenhar em sermos semelhantes a Deus em santidade. Este empenho é um espelho nítido no qual podemos ver um rosto; é um

coração santo no qual pode ser visto algo do caráter de Deus”.⁴ Cristo é o padrão de santidade para nós — o padrão de humildade santa (Fp 2.5-13), compaixão santa (Mc 1.41), perdão santo (Cl 3.13), altruísmo santo (Rm 15.3), indignação santa contra o pecado (Mt 23) e oração santa (Hb 5.7). Desenvolver a santidade que procura assemelhar-se a Deus e tem a Cristo como padrão nos salva de muita hipocrisia e de um cristianismo apenas domingueiro. Esta santidade nos dá vitalidade, propósito, significado e direcionamento no viver diário.

A SANTIDADE DÁ EVIDÊNCIA DA JUSTIFICAÇÃO E DA ELEIÇÃO

A santificação é um fruto inevitável da justificação (1 Co 6.11). Estes dois elementos podem ser distinguidos, mas nunca separados; o próprio Deus os uniu. A justificação está organicamente ligada à santificação; o novo nascimento dá origem à uma nova vida. O justificado andarà no “caminho de santidade do Rei”.⁵ Em Cristo e através dEle, a justificação dá ao filho de Deus o direito e a ousadia de entrar no céu; a santificação dá-lhe a *aptidão* para o céu e a preparação necessária para chegar lá. A santificação é a apropriação pessoal dos frutos da justificação. B. B. Warfield observa: “A santificação é tão-somente a execução do decreto de justificação. Pois, se a santificação falhasse, a pessoa justificada não seria liberta de acordo com sua justificação”.⁶ Conseqüentemente, o decreto de justificação de Cristo, em João 8.11 (“Nem eu tampouco te condeno”), é imediatamente seguido pelo chamado à santidade: “Vai e não peques mais”.

A eleição é também inseparável da santidade: “Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade” (2 Ts 2.13). A santificação é a marca de identificação das ovelhas eleitas de Cristo. Por isso, a eleição é sempre uma doutrina confortante para o crente, pois esta é o seguro fundamento que explica a graça de Deus operando nele. Por isso, os nossos antepassados reformados consideravam a eleição como um dos maiores consolos do crente, visto que a santificação torna visível a eleição.⁷

Calvino insistiu que a eleição não deveria desanimar ninguém, pois o crente recebe consolo dela, e o incrédulo não é chamado a considerá-la — antes, ele é chamado ao arrependimento. Aquele que fica desanimado pela eleição, ou confia-se à eleição sem viver uma vida de santidade, está se tornando vítima de um mau uso satânico desta doutrina preciosa e encorajadora (veja Dt 29.29). Como afirma J. C. Ryle: “Não é permitido a nós, neste mundo, estudar as páginas do Livro da Vida, e ver se nossos nomes encontram-se ali. Mas, se há algo nítido e plenamente declarado a respeito da eleição, é isto — que os homens e mulheres eleitos serão conhecidos e distinguidos por vidas santas”.⁸ A santidade é o lado visível de sua salvação. “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.16).

A SANTIDADE PROMOVE A SEGURANÇA

“Todos podem *estar* seguros de sua fé por meio de seus frutos” (*Catecismo Heidelberg*, Questão 86).

Teólogos reformados concordam que muitas das formas e graus de segurança experimentados por crentes genuínos — especialmente segurança diária — são alcançados gradualmente no caminho da santificação, mediante o cuidadoso conhecimento da Palavra de Deus, dos meios da graça e da conseqüente obediência.⁹ Uma aversão crescente pelo pecado, mediante a mortificação, e um amor crescente pela obediência a Deus, por meio da vivificação, acompanham o progresso da fé, enquanto ela cresce em segurança. A santidade centralizada em Cristo e operada pelo Espírito é a maior e mais sã evidência da filiação divina (Rm 8.1-16).

O meio de perder um senso diário de segurança é deixar de buscar santidade diariamente. Muitos crentes vivem de modo relapso. Tratam o pecado despreocupadamente, ou negligenciam as devocionais diárias e o estudo da Palavra. Outros vivem de maneira muito inativa. Não desenvolvem a santidade, mas assumem a postura de que nada pode ser feito para nutrir a santificação, como se esta fosse algo *externo* a nós, exceto em raras ocasiões, quando algo muito especial “acontece” *interiormente*. Viver de maneira descuidada e inerte é pedir por escuridão espiritual, desalento e falta de frutos diariamente.

A SANTIDADE NOS PURIFICA

“Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros

e descrentes, nada é puro” (Tt 1.15). A santidade não pode ser exercitada, quando o coração não foi fundamentalmente transformado por meio de regeneração divina. Por meio do novo nascimento, Satanás é destituí-

do, a lei de Deus é escrita no coração do crente, Cristo é coroado Senhor e Rei e o crente é feito “disposto e pronto, conseqüentemente, para viver em Cristo” (*Catecismo Heidelberg*, Questão 1). “Cristo em nós” (*Christus in nobis*) é um complemento essencial para “Cristo por nós” (*Christus pro nobis*).¹⁰ O Espírito de Deus não apenas ensina ao crente o que Cristo fez, como efetiva a santidade e a obra de Cristo em sua vida pessoal. Por meio de Cristo, Deus santifica seu filho e faz suas orações e ações de graças aceitáveis. Como disse Thomas Watson: “Um coração santo é o altar que santifica a oferta; se não é por satisfação, é por aceitação”.¹¹

A SANTIDADE É ESSENCIAL PARA UM SERVIÇO EFETIVO A DEUS

Paulo une a santificação à utilidade: “Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra” (2 Tm 2.21). Deus usa a santidade para assistir aos pregadores do evangelho, para aumentar a influência da fé cristã, a qual é desonrada pelo descuido dos crentes e hipócritas que freqüentemente servem como os melhores aliados de Satanás.¹²

— ■ —
A santificação é um fruto inevitável da justificação.
 — ■ —

Nossas vidas estão sempre fazendo o bem ou o mal; elas são uma carta aberta para que todos leiam (2 Co 3.2). Um viver santo influencia e impressiona mais do que qualquer outra coisa; nenhum argumento pode igualar-se a uma vida santa. Ela mostra a beleza da religião; dá credibilidade ao testemunho e ao evangelismo (Fp 2.15).¹³ A “santidade”, escreve Hugh Morgan, “é o modo mais eficiente de influenciar pessoas não convertidas e de criar nelas uma disposição para ouvir a pregação do evangelho” (Mt 5.16; 1 Pe 3.1-2).¹⁴

A santidade manifesta-se em humildade e reverência a Deus. Deus procura e usa pessoas humildes e reverentes (Is 66.2). Como observa Andrew Murray: “O maior teste para sabermos se a santidade que professamos buscar ou possuir é verdade e vida, será observar se ela se manifesta na crescente humildade que produz. Na criatura, a humildade é algo necessário para permitir que a santidade de Deus habite nela e brilhe por meio dela. Em Jesus, o Santo de Deus que nos faz santos, a humildade divina foi o segredo de sua vida, sua morte e sua exaltação. O teste infalível para nossa santidade será a humildade diante de Deus e dos homens, a qual nos marca. A humildade é o esplendor e a beleza da santidade”.¹⁵

A SANTIDADE NOS PREPARA PARA O CÉU

Hebreus 12.14 diz: “Segui [literalmente: *buscai*]... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”.

Como escreveu John Owen: “Não há imaginação que iluda tanto

o homem, que seja mais tola e mais perniciosa do que esta: que pessoas não purificadas, não santificadas, que não buscam santidade em suas vidas possam depois ser levadas a um estado de bênção, que consiste no gozo de Deus. Nem podem tais pessoas ter gozo de Deus, nem tampouco Deus ser o galardão delas. De fato, a santidade é aperfeiçoada no céu; contudo, o começo dela está invariavelmente restringido a este mundo. Deus leva para o céu somente aquele que Ele santifica nesta terra. O Deus vivo não admitirá pessoas mortas no céu”.¹⁶

A santidade e o mundanismo, portanto, são opostos um ao outro. Se estivermos apegados a este mundo, não estamos preparados para o porvir. ■

1. Citado em BLANCHARD, John. *Gathered gold*. Welwyn, England: Evangelical Press, 1984. p. 144.
2. The Spiritual and Carnal Man Compared and Contrasted; or, The Absolute Necessity and Excellency of Holiness. *The select practical works of Richard Baxter*. Glasgow: Blackie & Son, 1840. p. 115-291.
3. Citado em BLANCHARD, John. *More gathered gold*. Welwyn, England: Evangelical Press, 1986. p. 149.
4. WATSON, Thomas. *A Body of divinity*. Grand Rapids: Sovereign Grace Publishers, 1970. p. 172. Reimpressão da edição de 1856.

5. OWEN, John. *The works of John Owen*. London: Banner of Truth Trust, 1967, v. 11, p. 254, ss. Reimpressão da edição de 1851.
6. WARFIELD, B. B. *Perfectionism*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 1958. p. 100.
7. MARSHAL, Walter. *The gospel mystery of sanctification*. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2000. p. 220-221. Reimpressão.
8. RYLE, J. C. *Holiness*. Greensboro, N. C.: Homiletic Press, 1956. p. 27. Reimpressão.
9. BEEKE, Joel R. *Assurance of faith: Calvin, English puritans, and the dutch second reformation*. New York: Peter Lang, 1991. p. 160, ss. Ver também *Westminster confession*. e o *Canons of Dort*, Head 5.
10. BONAR, Horatius. *God's way of holiness*. Pensacola: Mt. Zion Publications, 1994. Chapter 2. Reimpressão.
11. WATSON, Thomas. *A Body of divinity*. p. 167.
12. RYLE, J. C. *Holiness*. p. 62.
13. COPPES, Leonard J. *Are five points enough? ten points of Calvinism*. Manassas, Va.: Reformation Educational Foundation, 1980. p. 94-96.
14. MORGAN, Hugh D. *The holiness of God and of his people*. Bridgend, Wales: Evangelical Press of Wales, 1979. p. 9.
15. MURRAY, Andrew. *Humility: the beauty of holiness*. Old Tappan, N. J.: Revel. p. 40.
16. Citado em THOMAS, I. D. E. *The golden treasury of puritans quotations*. Chicago: Moddy Press, 1975. p. 141.



*Leia as Escrituras não somente como história,
mas também como uma carta de amor
enviada por Deus para você.*

Thomas Watson

“Deus Meu, Deus Meu.”

Robert Murray M'Cheyne

*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste.
Mateus 27.46*

Estas são as palavras de maior segurança para os pecadores, enquanto Jesus estava pendurado no madeiro. Quanto mais medito, tanto mais acho impossível desvendar tudo o que está contido nelas. Frequentemente você deve ter observado como algo tão pequeno pode encerrar em si uma seqüência de coisas tão grandes. Uma fâmula sobre o mastro principal é algo pequeno; todavia mostra claramente para que lado o vento sopra. Uma nuvem do tamanho da mão de um homem é algo pequeno; no entanto, pode mostrar que se aproxima uma forte tempestade. A andorinha é um pássaro pequeno; entretanto, anuncia que o verão chegou. Assim é com o homem. Um olhar, um vislumbre, uma idéia não completada — uma sentença incompleta — pode mostrar muito mais o que se passa interiormente do que um longo discurso. Assim aconteceu na morte do

Salvador. Estas poucas palavras de sofrimento nos dizem mais do que grandes volumes de teologia.

Que o Senhor nos capacite a encontrar algo aqui que alimente as nossas almas.

I - A PERFEIÇÃO DA OBEDIÊNCIA DE CRISTO

1. *Palavras de obediência.* “Deus meu, Deus meu.” Ele foi obediente até a morte. Sempre tenho explicado a você como o Senhor Jesus veio para ser não somente um cumpridor como também o Salvador agonizante — não somente para sofrer tudo que nós deveríamos ter sofrido, mas também para obedecer a tudo que nós deveríamos ter obedecido — não apenas para sofrer a maldição da lei, mas para obedecer aos mandamentos da lei. Quando isto lhe foi proposto no céu, Ele disse: “Agrada-me fazer a tua

vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 40.8). Agora, olhe para Ele como um homem obediente ao seu Deus. Veja como Ele fez isso de forma tão perfeita — até o final! Deus lhe diz: “Cumpra a minha vontade”. Ele obedece: “Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” (Lc 2.49). Deus lhe diz: “Fale por mim aos pecadores” — Ele obedece: “Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis.

A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4.32, 34).

Deus Lhe diz: “Morra em lugar dos pecadores — sofra a minha ira por amor aos inimigos — suporte a crucificação; derrame o seu sangue e entregue a sua vida por eles” — Ele obedece: “Ninguém a tira de mim” (Jo 10.18). Na noite anterior, Ele disse: “Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18.11). Porventura, Ele recuaria ao chegar à cruz? Não; por três horas a escuridão O envolveu, mas, ainda assim, Ele disse: “Deus meu, Deus meu”. Pecador, você tem a Cristo como sua segurança? Veja que obediência perfeita, em seu lugar! O grande mandamento de morrer pelos pecadores estava sobre Ele. Veja que obediência perfeita!

2. *Palavras de fé.* “Deus meu, Deus meu.” Estas palavras mostram a maior fé que já existiu neste mundo.

Fé é crer na palavra de Deus, não porque a vemos ou sentimos que ela é a verdade, mas porque Deus a pronunciou. Na cruz, Cristo foi rejeitado. Ele não viu que Deus era o seu Deus — Ele não sentiu que Deus era o seu Deus; e, ainda assim, Ele creu na palavra de Deus, e bradou: “Deus meu, Deus meu”. (1) Davi demonstrou grande fé, conforme nos mostra o Salmo 42.7,8: “Um abismo chama outro abismo, ao fragor das tuas catadupas; todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim.

Contudo, o SENHOR, durante o dia, me concede a sua misericórdia, e à noite comigo está o seu cântico, uma oração ao

Deus da minha vida”. Ele se sentia como que coberto por um mar de sofrimentos. Ele não conseguia ver nenhuma luz — nenhum escape; não obstante, ele creu na palavra do Senhor e disse: “Contudo, o SENHOR me concede misericórdia”. Isto é fé, que crê mesmo quando não vê. (2) Jonas mostrou grande fé: “Pois me lanceste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim. Então, eu disse: lançado estou de diante dos teus olhos; tornarei, porventura, a ver o teu santo templo?” (Jn 2.3,4). Ele estava, literalmente, no fundo do mar. Ele não conhecia um meio de escape — não via nenhuma luz — não sentia nenhuma segurança; ainda assim, ele creu na palavra de Deus.

*Jesus veio não somente
para sofrer tudo que nós
deveríamos ter sofrido,
mas também para obedecer
a tudo que nós deveríamos
ter obedecido.*

Isso era ter uma grande fé. (3) Mas, ah! Eis alguém maior que Jonas! Eis uma fé maior que a de Davi — fé maior que a de Jonas — a maior fé que já existiu no mundo, no passado ou futuro. Cristo, na cruz, estava sob um mar mais profundo que aquele que cobriu Jonas. As ondas agitadas da ira de Deus lançaram-se com furor sobre Ele. Ele foi rejeitado por seu Pai — esteve em densas trevas — esteve no inferno; ainda assim, creu na palavra de Deus. “Pois não deixarás a minha alma na morte” (Sl 16.10). Ele não sente — Ele não vê — mas Ele crê e brada: “Deus meu, Deus meu”. “*Ainda que* ele me mate, nele esperarei” (Jó 13.15 - RC). Querido crente, esta é a sua segurança. Você sempre está descrente — desconfiado de Deus; contemple a sua segurança: Ele nunca deixou de confiar; apegue-se a Ele — você é completo nEle.

3. *Palavras de amor.* “Deus meu, Deus meu.” Estas foram as palavras de doce submissão que Jó pronunciou, quando Deus tirou filhos e bens: “Nu saí do ventre de minha mãe” (Jó 1.21). Tão doces, que ele pôde até bendizer a Deus, mesmo quando Ele lhe tirou tudo. Aquelas foram palavras de amor doce e submisso, as quais o velho Eli disse, quando Deus lhe falou que seus filhos morreriam: “É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver” (1 Sm 3.18). O mesmo temperamento doce estava no âmago da mulher sunamita, cujo filho veio a morrer, quando o profeta lhe perguntou: “Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino? Ela respondeu: Tudo bem” (2 Rs 4.26). Mas, ah! Aqui está um amor maior — uma

submissão maior e mais doce do que a de Jó, de Eli ou da mulher sunamita. Maior do que qualquer amor que já existiu no mundo. Aqui está alguém que fora pendurado entre a terra e o céu — rejeitado por seu Deus — sem um sorriso — sem qualquer consolo — sofrendo as agonias do inferno; mas, ainda assim, amando ao Deus que O rejeitou. Ele não bradou: “Cruel, Pai cruel!” Não! Mas, com toda veemência e afeição, clamou: “Deus meu, Deus meu”. Queridas almas, é esta a sua segurança? Vocês O têm como Aquele que obedeceu por vocês? Ah! Então, vocês são completos nEle. Vocês têm um amor muito pequeno por Deus. Com que frequência vocês têm murmurado e pensado que Deus é cruel por tirar-lhes algumas coisas; mas, vejam a sua segurança, e regozijem-se nEle com alegria abundante. Todo o mérito de sua santa obediência lhes foi imputado.

II - A INTENSIDADE DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO

Ele foi rejeitado por Deus: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” A Liturgia Grega diz: “Nós vos suplicamos, por todos os sofrimentos de Cristo, conhecidos e desconhecidos”. Quanto mais conhecemos os sofrimentos de Cristo, tanto mais entendemos que eles não podem ser perscrutados. Ah! Quem pode explicar todo o significado do pão partido e do vinho derramado?

1. *Ele experimentou muito sofrimento da parte de seus inimigos.* (1) Ele sofreu em todo o seu corpo. Em

sua cabeça — foi coroada de espinhos e golpeada com uma vara. Em sua face — eles a golpearam, e Ele a ofereceu àqueles que Lhe arrancavam a barba: “Não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam” (Is 50.6). Em seus ombros — que carregaram a cruz pesada. Em suas costas: “Ofereci as costas aos que me feriam”. Em suas mãos e pés: “traspassaram-me as mãos e os pés” (Sl 22.16). Em seu lado — um soldado cravou uma lança em seu lado. Ah! Quão bem Ele pôde dizer: “Isto é o meu corpo oferecido por vós” (Lc 22.19). (2) Ele sofreu em todos os seus ofícios. Como profeta: “Outros o esbofeteavam, dizendo: profetizanos, ó Cristo, quem é que te bateu!” (Mt 26.67-68). Como sacerdote: eles zombavam dEle, quando ofereceu-Se como oferta única pelo pecado. Como rei, quando, ajoelhando-se diante dEle, diziam: “Salve, rei dos judeus” (Jo 19.3). (3) Ele sofreu por parte de todos os tipos de homens — sacerdotes e anciãos — soldados e transeuntes — reis e ladrões: “Muitos touros me cercam, fortes touros de Basã me rodeiam” (Sl 22.12). — “Cães me cercam” (Sl 22.16) — “Como abelhas me cercaram” (Sl 118.12). (4) Ele sofreu muito da parte do diabo: “Salva-me das fauces do leão” (Sl 22.21). Todo o sofrimento de Cristo foi uma batalha violenta e contínua contra Satanás: “Despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.15).

2. *Ele sofreu muito da parte daqueles que Ele salvou posteriormente.* Quão amargo foi o escárnio do

ladrão que naquele dia seria perdoado e aceito! Quão amargo os brados dos três mil, que logo chegaram a saber a Quem estavam crucificando!

3. *Da parte de seus discípulos.* Todos O rejeitaram e fugiram. João, o discípulo amado, permaneceu de longe, e Pedro O negou. Dizem que quanto mais se espreme e esmaga a flor da camomila, tanto mais doce é o aroma que ela deixa ao redor. Ah! Assim aconteceu com nossa doce Rosa de Saron. O Salvador, esmagado pelo sofrimento, exalou aquela doce fragrância ao seu redor. São estas pisaduras que fazem de seu nome um bálsamo derramado.

4. *Da parte do Pai.* Todos os outros sofrimentos não foram nada em comparação a este: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Os outros sofrimentos foram limitados. Este foi um sofrimento infinito. Ser pisado pelo calcanhar de homens ou demônios era algo pequeno; mas, ah! ser esmagado pelo calcanhar de Deus: “Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo” (Is 53.10).

EXISTEM TRÊS CONSIDERAÇÕES QUE NOS MOSTRAM A INTENSIDADE DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO

1. *Quem era Aquele que O rejeitou.* Não era o seu povo, Israel — não era Judas, o traidor; não era Pedro, que O negou; nem João, que se recostava em seu peito. Ele poderia ter suportado tudo se assim fosse; mas, ah! foi seu Pai e seu Deus! As outras coisas pouco O afetavam, em comparação a esta. Os transeuntes

meneavam a cabeça — Ele não disse uma palavra. O chefe dos sacerdotes escarneceu dEle — Ele não murmurou. Os ladrões zombavam ao lado dEle — Ele agia como um homem surdo, que nada ouvia. Deus trouxe três horas de escuridão sobre Ele — as trevas exteriores eram a imagem da escuridão que envolveu sua alma. Ah! isto foi agonia infinita: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

2. *Quem era Aquele que foi rejeitado.* (1) Alguém infinitamente querido por Deus. Vós me amastes antes da fundação do mundo; todavia, vós me rejeitastes. Eu estive desde sempre junto de Ti — em gozo infinito diante de Ti. Eu gozava do resplendor do vosso amor. Ah! Por que estas trevas tão terríveis me cercam? “Deus meu, Deus meu.” (2) Alguém que tinha infinita aversão pelo pecado. Que terrível é para um homem inocente ser lançado na cela de um criminoso condenado! Mas, ah! quão mais terrível foi para Cristo, que possuía infinita aversão pelo pecado, o ser considerado pelo Pai como pecador. (3) Alguém que tinha o gozo infinito do favor de Deus. Quando dois amigos dedicados se encontram, eles têm um gozo intenso do amor um do outro. Quão doloroso é suportar os olhares frios e adversos daquele em cujo favor você encontrava este gozo indizível! Mas, ah! isso nada é quando comparado à dor de Cristo.

3. *O que Deus fez a Ele — rejeitou-O.* Prezados amigos, contemplemos este oceano no qual Cristo mergulhou. (1) Ele foi privado de

todas as consolações de Deus — não sentia o amor de Deus; não sentia que Deus se compadecia dEle; não sentia que Deus Lhe dava amparo. Antes Deus era seu sol. Agora aquele sol se transformou em trevas. Nenhum sorriso de seu Pai — nenhum olhar agradável, nenhuma palavra bondosa. (2) Ele estava sem Deus — era como se Ele não tivesse Deus. Tudo o que Deus havia sido para Ele antes foi-Lhe tirado. Ele estava sem Deus — privado da comunhão com seu Deus. (3) Ele teve o mesmo sentimento do um condenado, quando o juiz lhe diz: “Aparta-te de mim, maldito, que deve ser punido com destruição eterna, fora da presença do Senhor e da glória de seu poder”. Ele sentiu que Deus Lhe dissera o mesmo. Ah! este foi o inferno que Cristo sofreu. Queridos amigos, sinto-me como uma criança lançando uma pedra em alguma ribanceira na montanha, atento por ouvir sua queda — mas ouvindo em vão; ou como o marinheiro que lança o prumo ao mar, o qual é muito fundo — a mais longa corda não pode alcançar. O oceano dos sofrimentos de Cristo é insondável.

III - RESPOSTAS AO “POR QUE ME DESAMPARASTE?”

Por ser Ele a segurança dos pecadores e oferecer-se em lugar deles.

1. *Ele concordou com seu Pai, antes de toda a eternidade,* em colocar-se no lugar dos pecadores e por eles sofrer, ou seja, toda a maldição que deveria ser lançada sobre eles, caiu sobre Jesus. Por que Ele ficaria tão surpreso por Deus ter derramado

toda a sua ira? “Por que me desamparaste?” O motivo é que Jesus fez aliança para colocar-Se em lugar dos pecadores.

2. *Ele se dispôs.* Ele manifestou no semblante a intrépida resolução. “Fiz o meu rosto como um seixo” (Is 50.7). Deus colocou o cálice diante dEle, no jardim, dizendo: “Estás disposto a bebê-lo ou não?” Ele respondeu: “Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18.11). “Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo” (Is 53.10). Por quê? Porque Jesus, ao escolher ser a segurança, não recuaria.

3. *Ele sabia que, se não sofresse, o mundo inteiro teria de sofrer.* Foi sua compaixão pelo mundo que O fez assumir o lugar de Salvador: “Vi que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve” (Is 59.16). Por quê? Porque ou Ele, ou o mundo — inferno para Ele ou para toda a humanidade.

LIÇÕES PARA NÓS:

1. *Lição para as pessoas sem Cristo.* Esteja ciente do seu perigo. Onde quer que Deus veja pecado, Ele irá puni-lo. Ele puniu os anjos rebeldes — puniu Adão — o mundo antigo

— Sodoma; e, quando viu o pecado sobre Cristo, rejeitou seu próprio Filho. Você faz pouco caso do pecado. Veja o que Deus pensa sobre o pecado. Ainda que seja apenas um pecado que esteja sobre você, se este não tiver sido expiado, você não será salvo. Deus diz: “Ainda que... fosse o anel do selo da minha mão direita — ainda que fosse meu filho amado — eu dali o arrancaria” (Jr 22.24). Oh! deixe-me persuadi-lo, neste dia, a aproximar-se de Jesus Cristo!

2. *Lição para aqueles que estão em Cristo.* Admire o amor de Jesus. Oh! que mar de ira Ele suportou por você! Que sofrimento Ele experimentou por você, alma ingrata e vil! O corpo transpassado e o sangue derramado — representados no pão e no cálice — são provas do seu amor. Oh! que o seu coração transborde em anelo pelo Salvador!

Diríamos a todos os que estão em Cristo: Ele foi rejeitado, em lugar dos pecadores. Se você O tem como sua única segurança, nunca será rejeitado.

Do corpo transpassado
e do sangue derramado
surge o clamor:
“Deus meu, Deus meu,
por que me desamparaste?”
Por mim — Por mim!

Que Deus abençoe a sua Palavra. ☒

Sete Princípios de Finanças

Jim e Pam Elliff

Uma das mais notáveis diferenças entre o crente e o mundo no qual ele vive é esta: a maneira incomum como ele lida com o dinheiro e os bens materiais. No entanto, até crentes sérios resistem aos aspectos aparentemente extremistas no ensino e estilo de vida de Cristo e dos líderes da igreja do Novo Testamento. Podemos imitar este estilo de vida do Novo Testamento em nossos dias?

Este esboço oferece ao crente zeloso alguns princípios-chaves que o preparam para um comportamento financeiro sobrenatural, diferente do comportamento do mundo. Separe algum tempo para ler os textos bíblicos sozinho ou, se casado, com a sua esposa. Medite sobre a atitude de obediência a ser praticada em cada área mencionada. Em seguida, descreva o que você aprendeu. Só há uma coisa a fazer, depois desta meditação... obedecer!

O PRINCÍPIO DO NÃO APEGAR-SE

Não comprarei nem receberei nada do que eu não possa abrir mão. “Então, lhes recomendou: Tende cui-

dado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15).

Lucas 12.32-34;

Lucas 16.13-25;

1 João 2.15-17

O que devo fazer para obedecer a estes versículos?

O PRINCÍPIO DA LIBERDADE

Não deverei nada a ninguém, exceto o amor.

“A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei” (Rm 13.8).

Provérbios 22.7

O que devo fazer para obedecer a este versículo?

O PRINCÍPIO DA LIBERALIDADE

Procurarei, constantemente, oferecer bens para a glória de Deus.

“Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a

graça de participarem da assistência aos santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas também deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus” (2 Co 8.3-5).

2 Coríntios 9.7;

Lucas 6.38.

O que devo fazer para obedecer a estes versículos?

O PRINCÍPIO DA RECORDAÇÃO

Manterei registros exatos da maneira como Deus lida comigo no aspecto financeiro, a fim de mostrar aos outros que Deus responde a oração e supre as necessidades de seu povo.

“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16).

Provérbios 27.23-27

O que devo fazer para obedecer a estes versículos?

O PRINCÍPIO DA SEGURANÇA

Economizarei e investirei somente se Deus me guiar a fazê-lo, reconhecendo que abrirei mão de tudo ante à sua mais tênue orientação.

“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam” (Mt 6.19, 20).

Provérbios 28.8;

1 Timóteo 6.9-11

O que devo fazer para obedecer a estes versículos?

O PRINCÍPIO DA COMPAIXÃO

Não orarei em favor das necessidades financeiras de um irmão, se eu não estiver disposto a ser o instrumento que Deus usará para satisfazer tal necessidade, se Ele o quiser.

“Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (1 Jo 3.16-18).

Tiago 2.15-17;

Lucas 6.30, 38;

2 Coríntios 9.6-15;

Provérbios 28.27.

O que devo fazer para obedecer a estes versículos?

O PRINCÍPIO DO CONTENTAMENTO

Ficarei contente com tudo o que Deus se agradar em prover-me, quer seja muito, quer seja pouco.

“Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4.11-13).

Provérbios 30.7-9;

Mateus 6.24-34;

1 Timóteo 6.8

O que devo fazer para obedecer a estes versículos?

José Manoel da Conceição

Franklin Ferreira

*O sangue de Jesus, seu filho, nos purifica de todo o pecado.
1 João 1.7*

Nos séculos XVI e XVII, houve duas tentativas para estabelecer colônias protestantes no Brasil, mas o protestantismo brasileiro se originou de um duplo avanço: a imigração estrangeira, de anglicanos ingleses, luteranos alemães e reformados suíços, e a vinda de missionários ingleses e americanos.

O protestantismo começou a ser implantado de fato no Brasil com a chegada de um missionário congregacional, o escocês Robert Reid Kalley, ao Rio de Janeiro, em 1855. E o primeiro missionário presbiteriano a chegar ao Brasil foi Ashbel Green Simonton, em 1859. Seu cunhado, Alexander Blackford, chegou em 1860, e Francis Schneider em 1861. Todos eles foram enviados pelas igrejas presbiterianas do norte dos Estados Unidos (PCUSA).

Em pouco tempo, já havia igrejas presbiterianas no Rio de Janeiro e em

São Paulo, e em 1870 foi fundada o que hoje é uma das mais importantes universidades brasileiras, a Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

Mais tarde, chegaram missionários metodistas (em 1867) e batistas (em 1881) ao Brasil. Em 1865, foi ordenado o primeiro ministro evangélico brasileiro, José Manoel da Conceição.

O PADRE PROTESTANTE

José Manoel da Conceição nasceu em São Paulo, em 15 de março de 1822, filho de Manoel da Costa Santos e de Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas. Logo depois, a família mudou-se para Sorocaba, onde Conceição foi educado por seu tio-avô, o padre José Francisco de Mendonça. Ele escreveu mais tarde:

Fui muito devoto até os 16 anos.

Depois que a religião começou a influir no meu coração, comecei a sofrer de melancolia pelo retrospecto que fazia sobre a minha vida passada. [...] Aos 18 anos, comecei a ler a Bíblia. Apenas tinha lido os três primeiros capítulos do Gênesis, quando notei que a prática e a doutrina da igreja romana faziam oposição direta e irreconciliável com aquilo que [eu] amava ou tinha por verdadeiro.

Nessa época, conheceu algumas famílias de protestantes ingleses e alemães que o impressionaram por sua devoção e estudo da Bíblia.

Depois de se destacar no estudo da teologia, tendo sido influenciado pelos ensinamentos jansenistas, José Manoel da Conceição foi ordenado padre, em 1845:

Eu estava destinado ao sacerdócio, mas a leitura da Bíblia e os meus contatos com os protestantes tornaram-me um mau candidato e, depois, um pobre, muito pobre padre católico romano. Todos os outros padres, exceto o bispo, chamavam-me de padre protestante.

A hierarquia católica não confiava nele, de forma que Conceição veio a ser transferido ao gosto das autoridades. Ele foi enviado para Limeira e depois passou a ser transferido de uma paróquia a outra; durante quinze anos serviu em Monte Mor, Piracicaba, Taubaté, Ubatuba, Santa Bárbara e, finalmente, em 1860, em Brotas. Como observou Boanerges Ribeiro, sem que percebesse, o bispado traçava o percurso da Reforma na sua diocese. Em cada uma dessas igrejas, ele se dedicava a reavivar a

espiritualidade cristã, centralizando-a na pregação e leitura da Bíblia.

Em meados de 1863, Conceição passou por uma profunda crise espiritual, centrada na questão da salvação pela graça e no lugar das obras na vida cristã. Como Martinho Lutero, séculos antes, Conceição condenava as indulgências que proporcionavam uma falsa paz, que “implica e explica a negação da graça de Jesus”. Não sendo possível permanecer no exercício do ministério, foi dispensado de suas funções, indo viver numa casa perto de São João do Rio Claro. “Estudaria primeiro as doutrinas reformadas no sossego da chácara; depois, publicamente professaria a fé em Cristo e enfrentaria a controvérsia subsequente e inevitável.” Alexander Blackford, que ouvira falar do padre protestante, encontrou-o aí. Ele foi batizado na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1864:

Ao som do harmônio e de vozes humanas que cantavam hinos, eu fui conduzido a uma fonte de águas puras. Imaginem dois anjos... [...]. Tais eram os dois ministros de Deus [Blackford e Simonton] que velavam em meu favor. Levaram-me e me cobriram de bênçãos. Este foi para mim um momento solene.

Por entender que não era suficiente ter abandonado a Igreja Católica, a que ele serviu por tantos anos, uma nova crise começou, por causa da advertência bíblica de não zombar de Deus. Durante algum tempo, Conceição evitou os missionários, fugindo de suas visitas, até que ele ouviu estas palavras:

“O sangue de Jesus Cristo purifica de todo pecado.” Dia a dia, essas palavras tornaram-se mais claras e tiveram mais atração sobre mim. Como despertado de um longo sono, eu sentia que se firmavam em meu espírito essas incríveis palavras e, ao mesmo tempo, operou-se o meu restabelecimento.

A REFORMA EVANGÉLICA EM BROTAS

Brotas foi a última paróquia onde Conceição serviu como padre. Muitos de seus paroquianos haviam conhecido suas lutas espirituais e alguns partilhavam delas. Por isso, depois de ser batizado na Igreja Presbiteriana, Conceição mudou-se para Brotas, a fim de pregar de casa em casa. Como resultado desses esforços, onze adultos e dezessete crianças foram batizados. A Igreja Presbiteriana de Brotas, a terceira fundada no país, desenvolveu-se de maneira extraordinária. Em 1867 possuía sessenta e um membros; cento e dezesseis membros, em 1871, e cento e quarenta membros, em 1874. Esses cristãos pertenciam a diversas famílias da região, sendo que alguns eram ex-escravos.

A Igreja de Brotas era, nessa época, uma das maiores igrejas protestantes do Brasil, ao lado da Igreja do Rio de Janeiro. Essa igreja plantou duas outras igrejas presbiterianas, entre elas a da Borda da Mata, fundada em 1869, com o batismo de quinze adultos e vinte crianças, e a de Dois Córregos, constituída de dezenove membros adultos e quinze crianças.

O missionário Francis Schneider

relatou que dava gosto ver o desejo do povo de Brotas de ouvir e aprender o evangelho. Poucas daquelas pessoas sabiam ler; contudo, muitas faziam um rápido progresso na vida espiritual, e com muito zelo propagavam o conhecimento do evangelho entre os parentes e conhecidos. Era admirável ver gente que não sabia ler falar com tanto acerto e animação sobre a graça de Deus e a salvação que Jesus nos adquiriu. “Foi para mim uma prova evidente de que o evangelho de Jesus Cristo é uma virtude de Deus para tornar sábios os simples, capaz de encher duma sabedoria divina os mais ignorantes que o recebem em seu coração.”

Em 16 de dezembro de 1865, Simonton, Blackford e Schneider organizaram, em São Paulo, o Presbitério do Rio de Janeiro, constituído de três igrejas, Rio de Janeiro, São Paulo e Brotas, e ligado ao Sínodo de Baltimore, nos Estados Unidos. No dia seguinte, 17 de dezembro de 1865, Conceição foi ordenado ao ministério pastoral. Ashbel Simonton escreveu:

José Manoel da Conceição, que se achava presente, participou seu desejo de ordenar-se ministro do evangelho de Jesus Cristo. Resolveu o presbitério, respondendo à consulta do moderador, proceder aos exames indispensáveis, interrogando o candidato sobre os motivos que o levaram a desejar o Ministério da Palavra. Feitas várias perguntas sobre as provas que possuía de sua vocação, bem como sobre se adotava cordialmente a confissão de fé presbiteriana, a todas Conceição respondeu [de modo satisfatório], professando-se

levado unicamente pelo sentimento de dever e pelo desejo de contribuir para a salvação das almas e a glória de Jesus Cristo.

O EVANGELISTA ITINERANTE

Brotas, entretanto, não havia sido a única paróquia em que Conceição serviu. Logo que uma igreja se tivesse constituído, ele passava a visitar outras cidades nas quais havia servido como padre, pregando para auditórios de cem a duzentas pessoas, sem oposição. Em nova viagem, dirigiu-se a Sorocaba, onde ocorreu impressionante resposta ao evangelho — ele enviou a Blackford uma lista com os nomes de noventa pessoas que deveriam ser visitadas como resultado de sua pregação ali. Depois, Conceição regressou a Brotas, começando nova viagem, pregando em Limeira, Campinas, Bragança e Atibaia.

Iniciou nova viagem, após chegar a São Paulo, no começo de junho. Ele pregou em São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Aparecida, Guaratinguetá, Queluz, Rezende, Barra Mansa e Pirai. Daí, foi ao Rio de Janeiro, onde participou da ordenação pastoral de George Chamberlain, mas em meados de julho retomou em sentido inverso sua viagem pelo Vale do Paraíba, chegando a São Paulo no começo de outubro.

Após um mês de pregação em São Paulo, Conceição inicia, no fim de outubro, a evangelização do norte do estado: Cotia, Ibiúna, Piedade, São Roque, Piracicaba, Porto Feliz, Itu e Brotas, onde permaneceu durante algumas semanas, para voltar

por Itaquari, Rio Claro, Limeira, Piracicaba, Capivari, Campinas, Bragança, Atibaia, Nazaré, Santa Isabel, chegando em dezembro a São Paulo. Em fins de janeiro de 1867, começou nova viagem para Jacareí, Taubaté, Pindamonhangaba, voltando por Caçapava, São José, Jacareí, Taubaté e São Paulo. Permaneceu em São Paulo durante uma semana, dirigindo-se, em fevereiro, para o sul de Minas, pregando em Santa Isabel, Nazaré, Santo Antônio da Cachoeira, Bragança, Amparo, Mogi Mirim, Ouro Fino, chegando a Borda da Mata e, depois, a Santa Ana.

Em 2 de abril, Conceição recebeu sua sentença de excomunhão, em São Paulo, para onde havia regressado. Ele escreveu uma resposta a essa sentença, dizendo:

A Reforma veio, mas veio de Deus, de Quem só podia vir. Os instrumentos, porém, de que Deus se quis servir, foram os seus servos eleitos, que conhecem, professam e ensinam as puras doutrinas de sua santa Palavra. [...] Quando a Bíblia correr pelas mãos de todos os povos, então se hão de realizar as promessas do Salvador, que a religião dele prevalecerá em toda a terra. Manifestar-se-á, então, a universalidade de sua igreja. Gozar-se-ão a paz, a felicidade e prosperidade, prometidas por Deus ao mundo, e aneladas agora pelas nações.

Não há reforma possível que não comece por reafirmar: que Cristo crucificado uma só vez no Calvário é a única e suficiente expiação pelo pecado, e já não há mais oferenda pelo pecador; que os méritos de Cristo estão ao alcance de toda a alma con-

trita e crente; que a essência de uma vida cristã está na reabilitação do homem interior, e não há força capaz de efetuar tal transformação, exceto o Espírito de Deus, com quem estamos em contato imediato. Pedindo, receberemos; buscando, acharemos; batendo, abrir-se-nos-á.

Em maio, partiu novamente em viagem pelos arredores de São Paulo. Depois, dirigiu-se ao Rio de Janeiro, pregando e evangelizando em Copacabana, São Cristóvão e Casca-dura. Apresentou, numa reunião do presbitério que se realizava no Rio de Janeiro, no Campo de Santana, um relatório detalhado, no qual seu entusiasmo é evidente:

Nós, porém, que temos visto (com os nossos próprios olhos e ouvido, com os nossos próprios ouvidos) o poder da Palavra de Deus na conversão das almas, quer em sua letra, quer em seu espírito; nós que temos visto as crianças irem, cantando e saltando, quebrar os ídolos de seus pais, e outras, pregando com a Bíblia nas mãos a seus pais e vigários; nós sabemos, e com júbilo vos anunciamos que a evangelização em nosso país é a realidade mais benéfica em todos os resultados; e temos confiança, e ansiosamente desejamos vê-la progredir, concorrendo com quanto houver em nossas poucas forças para que mais e mais Jesus Cristo ganhe almas para sua glória.

Conceição fez várias viagens no decurso de um ano. Mas seu estado de saúde começou a declinar. Os membros do presbitério, que acabavam de ouvir seu relatório, entenderam ser

necessário que ele descansasse e o enviaram para os Estados Unidos, para que expusesse lá o trabalho realizado no Brasil. Conceição partiu em agosto de 1867. Nos Estados Unidos, ele esteve pregando durante oito meses nas igrejas portuguesas de Jacksonville e Springfield, em Illinois. Ele também se dedicou a preparar traduções de livros e a revisão de uma versão em português do Novo Testamento, para a Sociedade Bíblica Americana.

FRANCISCO DE ASSIS DO BRASIL

Em 1868, Conceição regressou ao Brasil, participando da reunião do presbitério realizada em São Paulo. Mas ele retomou as viagens e, no fim de outubro, foi ao Rio de Janeiro, passando por Angra dos Reis e Parati. Depois, pregou em Cunha e Lorena, onde houve perseguição. Em janeiro de 1869, partiu para Atibaia, Bragança, Amparo, Socorro e São José dos Campos. Em julho, voltou a São Paulo, onde participou de mais uma reunião do presbitério. Mas, como disse Alderi Matos, “o trabalho havia mudado durante a estada de Conceição no exterior. A ênfase era outra: não mais o febril desbravamento, mas a consolidação em torno de alguns centros. Seu relatório foi considerado demasiado longo e recebido com certo desinteresse”.

Assim, daí por diante, Conceição fazia sozinho suas viagens de pregação, como havia feito no começo. Ainda de acordo com Alderi Matos, “nunca mais ele teve companheiros de estrada; nunca mais compareceu ao presbitério nem lhe prestou relatório”. Não ocorreu um rompimento

entre ele e seus companheiros, mas Conceição agora se dedicava integralmente à evangelização itinerante.

Em 1870, Conceição esteve em São Paulo e, em 1872, no Rio de Janeiro, Queluz, Caldas e outras cidades de Minas Gerais. Depois, esteve no litoral de São Paulo, em Areias e Mambucaba. Em 1873, esteve novamente em Queluz, São Paulo, Rio de Janeiro, Piraí, Campo Belo e Caraguatatuba, sempre enfrentando perseguições e ataques pessoais. Certa vez, escreveu Boanerges Ribeiro:

Aproximava-se a hora do destino em que a jovem igreja nacional criaria seu próprio método de desbravamento e propagação evangélica: a luta árdua e exaustiva das estradas, de fazenda em fazenda; o contato pessoal e direto com a pessoa evangelizada; a oração de joelhos na salinha de chão batido e, sobretudo, o poder de um homem possuído do Espírito Santo e disposto a matar-se, pregando a cada família, de casa em casa, de indivíduo a indivíduo, de alma a alma.

Nessa época, nas poucas vezes em que encontrou os missionários, Conceição se mostrou afetuoso, mas com saúde cada vez mais frágil. No fim de 1873, Blackford convenceu-o a repousar no Rio de Janeiro, numa casa que foi alugada para esse fim, em Santa Teresa. Dessa vez, Conceição tomou um trem, mas numa baldeação em Piraí, por estar descalço e malvestido, foi preso pela polícia. Passou três dias na prisão e, depois de liberto, não tinha dinheiro para comprar uma nova passagem. Continuou a pé seu caminho, sob o sol, caindo prostra-

do, na noite de 24 de dezembro, na estrada da Pavuna. Foi levado para a Enfermaria Militar do Campinho, onde o major Augusto Fausto de Souza, chefe da enfermaria — que se converteu ao evangelho depois — conseguiu-lhe um leito e alimentos. Tendo agradecido aos que o haviam socorrido, pediu que o deixassem “só com seu Deus” e morreu, vítima de insolação, privações e fadiga de suas longas viagens, na madrugada de 25 de dezembro de 1873.

“Conceição era de uma simplicidade incrível”, escreve Elben Lenz César, “não obstante fosse muito preparado: sabia comunicar-se com os estrangeiros em suas próprias línguas, traduzia livros do inglês, do francês e do alemão, e tinha noções de medicina. Chegava a se vestir mal, roupa surrada demais. A herança que recebeu da família foi toda distribuída com obras de beneficência. Preocupava-se demais com os outros e muito pouco consigo mesmo. Embora desimpedido do voto do celibato por ter se desligado de Roma, o Padre José, como era chamado, nunca se casou, e sua pureza de vida sempre estava fora do alcance de qualquer maledicência. Não era servil aos missionários americanos, não obstante ser o único obreiro nacional no meio deles. Por causa de sua experiência na Igreja Católica, morria de medo de uma igreja excessivamente organizada. (...) Conceição sonhava com um movimento profundo de reforma nos sentimentos e experiência religiosa do povo, aliado ao esclarecimento bíblico, que tornasse possível a criação de um cristianismo brasileiro puro e evangélico, mas enraizado nas tradi-

ções e hábitos populares”.

José Manoel da Conceição foi sepultado no cemitério de Irajá, mas três anos depois, em 1877, seu corpo foi transferido para o Cemitério dos Protestantes de São Paulo, sendo sepultado ao lado do túmulo de Ashbel Simonton. Em sua lápide está gravado: “Não me envergonho do evangelho de Cristo”, numa referência a Romanos 1.16. Durante vinte anos Conceição foi sacerdote católico e durante oito anos foi pastor protestante. São suas estas palavras:

O bem-estar de minha pátria, a moralização da sociedade, cuja felicidade só o evangelho pode assegurar, e a salvação eterna dos homens são os fins que tenho em vista. Estou nas mãos de Deus, e à disposição de todos a quem possa servir no evangelho de Jesus Cristo. ■

Obras consultadas e sugeridas para aprofundamento do assunto:

CÉSAR, Elben Lenz. Entrevista com Ashbel Green Simonton. Viçosa (MG): Ultimato, 1994,

p. 43-6.

FERREIRA, Júlio Andrade. História da igreja presbiteriana do Brasil. São Paulo: CEP, 1992.

LEONARD, Émile G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: Aste, 2002, p. 63-76.

MATOS, Alderi S. Os pioneiros presbiterianos do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 297-306.

REILY, Duncan Alexander. História documental do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 2003, p. 128-40.

RIBEIRO, Boanerges. O padre protestante. São Paulo: CEP, 1979.

SILVA, Wilson Santana. José Manoel da Conceição, o evangelista itinerante. São Paulo: Mackenzie, 2002.

SIMONTON, Ashbel Green. O diário de Simonton: 1852-1866. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

(Extraído de “Os Gigantes da Fé”, FERREIRA, Franklin. Editora Vida, 2006.)

POR QUE O JUSTO SOFRE?

R. C. Sproul

No âmago da mensagem do livro de Jó, acha-se a sabedoria que responde à questão a respeito de como Deus se envolve no problema do sofrimento humano. Em cada geração, surgem protestos, dizendo: “Se Deus é bom, não deveria haver dor, sofrimento e morte neste mundo”. Com este protesto contra as coisas ruins que acontecem a pessoas boas, tem havido tentativas de criar um meio de calcular o sofrimento, pelo qual se pressupõe que o limite da aflição de uma pessoa é diretamente proporcional ao grau de culpa que ela possui ou pecados que comete.

No livro de Jó, o personagem é descrito como um homem justo; de fato, o mais justo que havia em toda a terra. Mas Satanás afirma que esse homem é justo somente porque recebe bênçãos de Deus. Deus o cercou e o abençoou acima de todos os mortais; e, como resultado disso, Satanás

acusa Jó de servir a Deus somente por causa da generosa compensação que recebe de seu Criador.

Da parte do Maligno, surge o desafio para que Deus remova a proteção e veja que Jó começará a amaldiçoá-Lo. À medida que a história se desenrola, os sofrimentos de Jó aumentam rapidamente, de mal a pior. Seus sofrimentos se tornam tão intensos, que ele se vê assentado em cinzas, amaldiçoando o dia de seu nascimento e clamando com dores incessantes. O seu sofrimento é tão profundo, que até sua esposa o aconselha a amaldiçoar a Deus, para que morresse e ficasse livre de sua agonia. Na continuação da história, desdobram-se os conselhos que os amigos de Jó lhe deram — Elifaz, Bildade e Zofar. O testemunho deles mostra quão vazia e superficial era a sua lealdade a Jó e quão presunçosos eles eram em presumir que o sofri-

mento indescritível de Jó tinha de fundamentar-se numa degeneração radical do seu caráter.

Eliú fez discursos que traziam consigo alguns elementos da sabedoria bíblica. Todavia, a sabedoria final encontrada neste livro não provém dos amigos de Jó, nem de Eliú, e sim do próprio Deus. Quando Jó exige uma resposta de Deus, Este lhe responde com esta repreensão: “Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber” (Jó 38.2, 3). O que resulta desta repreensão é o mais vigoroso questionamento já feito pelo Criador a um ser humano. A princípio, pode parecer que Deus estava pressionando Jó, visto que Ele diz: “Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra?” (v. 4) Deus levanta uma pergunta após outra e, com suas perguntas, reitera a inferioridade e subordinação de Jó. Deus continua a fazer perguntas a respeito da habilidade de Jó em fazer coisas que lhe eram impossíveis, mas que Ele podia fazer. Por último, Jó confessa que isso era maravilhoso demais. Ele disse: “Eu

te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (42.5-6).

Neste drama, é digno observar que Deus não fala diretamente a Jó. Ele não diz: “Jó, a razão por que você está sofrendo é esta ou aquela”. Pelo contrário, no mistério deste profundo sofrimento, Deus responde a Jó revelando-se a Si mesmo. Esta é a sabedoria que responde à questão do sofrimento — a resposta não é por que tenho de sofrer deste modo particular, nesta época e circunstância específicas, e sim em que repousa a minha esperança em meio ao sofrimento.

A resposta a essa questão provém claramente da sabedoria do livro de Jó: o temor do Senhor, o respeito e a reverência diante de Deus, é o princípio da sabedoria. Quando estamos desnorreados e confusos por coisas que não entendemos neste mundo, não devemos buscar respostas específicas para questões específicas, e sim buscar conhecer a Deus em sua santidade, em sua justiça e em sua misericórdia. Esta é a sabedoria de Deus que se acha no livro de Jó. ■



*Dor e sofrimento não são necessariamente
sinais da ira de Deus;
podem ser exatamente o contrário.*

John Blanchard